

Análise interseccional dos femicídios de mulheres negras em Pelotas entre os anos de 2006 à 2016

CAROLINA F. DE OLIVEIRA SILVA¹; PROF. DR. MARCUS VINICIUS SPOLLE²

¹ Mestranda em Sociologia pela Universidade Federal de Pelotas – carolinafgoliveira@gmail.com

² Orientador- Universidade Federal de Pelotas – sociomarcus@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A violência de gênero ocorre frequentemente no mundo inteiro. Letal ou não ela demonstra uma dura faceta da realidade que são submetidas as mulheres nos dias atuais. O movimento feminista, a partir da década de 50 iniciou O movimento feminista da segunda geração, desde a década de 70, tem diversificado suas agendas afim englobar as mais diversas categorias, como raça e classe social.

Com o objetivo de avaliar o feminicídio de mulheres negras no município de Pelotas entre os anos de 2010 à 2016, a fim de compreender como as variáveis de gênero e raça e classe são evidenciadas neste contexto, pretende-se visualizar como estes fatores interferem nas questões da violência contra a mulher, apreendendo qual o valor social destas mulheres socialmente e analisar como as identidades são alocadas neste tipo de violência.

2. METODOLOGIA

A pesquisa será realizada a partir da revisão bibliográfica, das teorias de raça do pós colonialismo, teorias de gênero, sexualidade e identidades.

Para a captação dos primeiros dados sobre os feminicídios, serão realizadas pesquisas nos bancos de dados da Polícia Civil e Poder Judiciário de Pelotas. Este material será utilizado para detalhar e numerar os casos de homicídios de mulheres negras ocorridos no período estipulado. Neste momento, serão também investigados quesitos como o idade, escolaridade, existência de filhos e possível ocorrências policiais anteriores, de medida protetiva e registros anteriores de agressão, bem como os fatos narrados pelo autor às autoridades, que servirão como base para uma primeira análise da forma como estes tipos de violência ocorrem.

Logo após, pretende-se realizar entrevistas com os acusados pelos crimes que encontrem-se recolhidos no presídio da cidade para, a partir de seus relatos identificar como os papéis de gênero, classe e raça se alocam naqueles crimes.

Por fim, a junção dos elementos obtidos através da pesquisa bibliográfica e de campo possibilitarão a análise de como as identidades se alocam nestes contextos e a forma como as variáveis de raça, gênero e classe se relacionam nos crimes de feminicídios ocorridos em Pelotas..

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A história dos direitos e liberdades das mulheres tem início na Europa, após a ideias de Liberdade, igualdade e humanidade da Revolução Francesa. Porém, o movimento feminista torna-se mais popular a partir da segunda metade do século XX. Conforme Stuart Hall o feminismo “emergiu durante os anos sessenta, com a criação dos “novos movimentos culturais”, para o autor a luta se dava da seguinte forma:

O feminismo apelava às mulheres, a política sexual dos gays e lésbicas, as lutas raciais aos negros, o movimento antibelicista aos pacifistas .(...)

Ele questionou o “dentro” e o “fora”, o “privado” e o “público” (...)

Abriu para a contestação política, arenas inteiramente novas de vida social: a família, a sexualidade, o trabalho doméstico, a divisão doméstica do trabalho, o cuidado com as crianças, etc. (HALL, 1992, pg.45)

Este movimento trouxe a questão social, destacando a subjetividade dos seres como homens e mulheres e seus diversos papéis na sociedade, expandindo-se para o questionamento das identidade sexuais e de gênero.

A partir do final da década de setenta as feministas “iniciaram a utilizar a palavra gênero em um sentido literal , como uma maneira de se referir à organização social entre os sexos” (SCOTT, 1990, pg. 72) o vocábulo foi utilizado também para trazer qualquer informação relacionada à mulher.

É importante ressaltar aqui que pretende-se abordar o termo gênero a partir da perspectiva da autora Judith Butler, de ser ele “uma construção social”, que não desmerece a definição biológica do binômio homem- mulher, mas acredita que gênero vai além destas duas determinações, e advém das experiências sociais dos indivíduos.

Com a diversificação das demandas, o feminismo negro surge para dar voz as mulheres que além de serem inferiorizadas por pertencerem ao sexo feminino, carregam consigo o agravante de serem negras.

No Brasil, a luta das mulheres por maiores direitos iniciou com a luta pelo voto feminino, que nos foi assegurado na década de sessenta. No tocante à violência de gênero, foi somente no ano de 2006 tivemos a criação de uma lei que punia a violência de gênero, a Lei Maria da Penha e, por último, em 2015, a Lei do Feminicídio, que pune o homicídio perpetuado contra a mulher em função do seu gênero.

A importância de se trabalhar com a questão racial nos homicídios, advém da necessidade de se incluir esta importante parcela da população que, conforme os dados oficiais, sofrem mais com este tipo de violência, quais sejam, as mulheres negras, pois o “sexismo e o racismo são ideologias formadores de preconceito e estão no cotidiano dos brasileiros permite afirmar serem estas dimensões que estimulam a atual estrutura desigual, ora simbólica, ora explícita mas não menos perversa, da sociedade brasileira.”(IPEA, 2013, p.138)

Estes perversos vestígios que carrega a sociedade brasileira fez com que nos últimos dez anos o número de mulheres negras vítimas de feminicídio aumentasse em 54,2%, conforme os dados do Mapa da Violência de 2015. (WASELFISZ, 2015, p.30).

Reforçam esta ideia de um sexismo racista que encontra-se enrustado na sociedades, a ideia da americana Patricia Collins, quando define que o papel da mulher negra delimita-se em três aspectos: ” i) mãe preta; ii) a matriarca; iii) a mãe dependente de políticas de assistência social e iv) a prostituta.” Ainda, segundo a autora, estes estereótipos que circundam estas mulheres constituem-se fontes de violência. (COLLINS apud IPEA, 2011, p.136)

Em função da pesquisa estar em estado inicial, o que se pode afirmar, portanto, é que as mulheres negras são as principais vítimas de feminicídio no país, que apesar de termos uma sociedade tida como moderna, elas ainda sofrem

com o preconceito que é velado e está arraigado na sociedade brasileira. As mudanças e avanços no campo das ciências sociais- e aqui incluo a sociologia e o direito- não conseguiram dirimir os problemas enfrentados por estas mulheres. Por isso a importância deste estudo, pois a partir será possível analisar como estas diferentes facetas que como estas variáveis de raça, classe e gênero que se apresentam nos crimes ocorridos em Pelotas.

4. CONCLUSÕES

O movimento feminista, desde a década de sessenta teve grande importância para a luta pelos direitos das mulheres, para que sejas vistas como seres detentores de direitos. A dinâmica feminista negra veio para dar voz as mulheres que são vitimadas diariamente com o preconceito velado da sociedade que falsamente as aceita, prova disto são os números dos feminicídios no país, que vitimam em sua grande maioria as mulheres negras.

Por isso, trabalhar com a temática racial e classista é, portanto, uma forma de legitimar e reafirmar socialmente, que não se pode aceitar que uma mulher tenha mais ou menos valor pela cor da pele ou pela classe social que pertence. Admitir que isso ocorra é além de um atraso social, uma ignorância das sociedades que se dizem modernas e primam pela defesa dos direitos humanos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Ed. DP&A. Rio de Janeiro, 2006.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, IPEA. **Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil**. Org. Mariana A. Marcondes... [et al.]. Brasília, 2013.

SCOTT, Johan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. In: Educação e realidade, v.15, n.2, jul./dez.1990.

WASELFISZ, Julio Jacobo. Mapa da Violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil. Ed. Flasco Brasil. Brasília. 2015. 1ª ed.